



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

| | |
|----------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| Parecer | Abertura de Processo de Registro de Bem Cultural |
| Bem Cultural | Quilombos do Dia de Reis de Juazeiro do Norte (Quilombo de Reis) |
| Número do Processo | 3270794/2017 |
| Data de Solicitação | 15/05/2017 |
| Interessado | Antonio Ferreira Evangelista |

HISTÓRICO DO PROCESSO

Este parecer trata da abertura do processo de registro da celebração *Quilombos do Dia de Reis em Juazeiro do Norte (Quilombo de Reis)* enquanto Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, cujo procedimento é regido pela Lei Estadual Nº 13.427, de 30 de dezembro de 2003. A solicitação foi realizada na data de 11 de maio de 2017, pelo senhor Antônio Ferreira Evangelista, Mestre do Grupo Reisado dos Irmãos Discípulos de Mestre Pedro.

A solicitação do Registro do bem se deu na construção de um percurso que foi socialmente vivido, pensado e discutido. De acordo com Caixeta (2016), antes dos participantes de Quilombos falarem em patrimonializar institucionalmente suas brincadeiras, eles já lutavam por condições mais justas, por meio de movimento organizado pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus¹, que fazia reivindicações em Juazeiro desde 2003, denunciando o descaso com a cultura popular tradicional. Em agosto de 2004, esse movimento participou de um encontro na Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro, de onde voltou entusiasmado e confiante, deixando o grupo mais engajado e animado para a celebração que começaria em dezembro.

¹ Grupo formado em 2003 por brincantes e mestres de reisados, bandas cabaçais, maneiro pau e guerreiro, liderado por Carlos Gomide, fundador do grupo de teatro familiar Carroça de Mamulengo.

No entanto, na celebração do primeiro dia do Quilombo de 2004, emergiu uma violência² que obrigou os mestres a se reunirem numa tentativa de resolver o problema, mas, infelizmente, não chegaram a consenso algum. Em janeiro de 2005, mestres e praticantes de reisado reuniram-se para organizar, dentre outras coisas, a logística da celebração. “[...] A proposta consistia em sediar um ponto de apoio para cerca de 20 reisados em atuação na cidade, com a confecção de um trono na Praça Carlos Cruz para os grupos brincarem e depois prover alimentação para os brincantes” (CAIXETA, 2016, p. 133). O representante do Grupo, Carlos Gomide, levantou questões mais complexas:

Nós achamos que os mestres têm de estar inseridos nas escolas do município, para isso, é preciso aprovar uma lei que permita aos mestres darem aula nas escolas. Nós não estamos exigindo nada que seja ilegal e sim o que é de direito. Padre Cícero não aceita que alguém passe fome e a prefeitura continue roubando. Nós, de forma amigável, pacífica, com humildade, jogando espada, vamos conclamar o povo de Juazeiro. Nós queremos casa, hospital, esporte, saúde, roupa. É para a gente sair fortalecido daqui. Roseira é bonita com muitas rosas. Se nós nos digladiarmos entre a gente, só temos a perder. (CAIXETA, 2016, p. 134).

O Quilombo é uma celebração que agrega vários grupos. Desta forma, são proponentes da abertura desse processo de Registro representantes dos grupos de reisados, bandas cabaçais, lapinhas, entremeios, cantoras de benditos, dentre outros que participam e ressignificam essa festa todos os anos. A solicitação foi ainda apoiada por Dane de Jade - coordenadora do Escritório Regional da Secult-CE; Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros - antropóloga; Oswald Barroso - pesquisador e professor da Universidade Estadual do Ceará; Rosemberg Cariry - cineasta; Raimundo Santana - Deputado Estadual; Renato Roseno - Deputado

² Durante o Quilombo de Reis, caretas mascarados, vestidos com macacão preto e munidos de um longo chicote, chamados de entremeio, “cão” ou “bicho”, aparecem às dezenas pela cidade. De acordo com os praticantes, o Quilombo vinha passando por transformações indesejáveis, pois algumas pessoas aproveitavam o anonimato para vingar ofensas, brigar por rixas territoriais, cometer pequenos furtos e, por causa dessas, havia o risco de morte em encontros de reisados. (CAIXETA, 2016, p. 19)



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Estadual; Diana Barbosa - presidenta do Instituto Cultural do Vale do Cariri; Ricardo Pinto - Gerência Centro Cultural BNB Cariri e Felipe Teixeira Bueno Caixeta.

A primeira reunião realizada para discutir os benefícios do Registro da celebração do Quilombo do Dia de Reis de Juazeiro no âmbito nacional aconteceu em junho de 2008 na sede da União dos Artistas, na qual a proposta era apresentar e debater o PNPI – Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – para toda comunidade interessada. Participaram da reunião:

Sebastião Cosmo (1940-2010) e José Mathias (1925-2015); Maria Auxiliadora Evangelista, do Reisado dos Irmãos; Mestra Vicência Lima Gomes, do Reisado Cosme e Damião; Antônio dos Santos (Mestre Mosquito), Reisado Nossa Senhora das Dores; Mestra Maria Margarida da Conceição, Carlos Gomide, em testemunho gravado em vídeo pelo autor, em 06 de janeiro de 2005 em Juazeiro do Norte. Guerreiras de Joana D’Arc; Francisco Felipe Marques (Mestre Tico), do Reisado Coração de Jesus; Maria José da Silva, do Reisado Estrela Guia; Francisco Gomes Novais (Mestre Nena); Manoel Amaro dos Santos, do Reisado São Benedito; Francisco Bento da Silva, Reisado Frei Damião; José Nilton de Souza, Reisado Mirim Menino Deus; Raimundo Ferreira Evangelista; Mestre Assis Cachoeira; Maria Gomide, os pesquisadores Felícia de Castro, Oswald Barroso (UECE), Renato Dantas (secretário de Cultura), Anastácio Braga gerente do Centro Cultural do Banco do Nordeste, Mano Grangeiro, do departamento de cultura do Serviço Social do Comércio, entre outros. (CAIXETA, 2016, p.136)

A ativista Schirley França, fazendo a abertura da reunião:

Nós estamos aqui iniciando porque não tem nada nesse sentido na região, então nós, com os nossos poderes, que é principalmente, pensando o que nós podemos fazer por nós mesmos, vamos nos unir, centrar forças para ter uma futura geração mais capacitada, educada e preparada para manter essa tradição viva nos seio de nosso povo. (FRANÇA apud CAIXETA, 2016, p.136)

E a advogada Nina Alves Menezes que, encantada com os reisados se voluntariou na mobilização de melhorias para os reisados:

O motivo dessa convocação é mobilizar os mestres de reisado para que possamos a partir de um instrumento do Governo Federal que é o Registro, valorizar, transformar a mentalidade das pessoas em relação ao que é o reisado e promover um desenvolvimento social a partir da valorização da brincadeira. Vamos apresentar a proposta de registrar o reisado como



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

patrimônio cultural brasileiro ao IPHAN. (ALVES apud CAIXETA, 2016, p.137)

O professor e pesquisador dos reisados cearenses, Oswald Barroso, também se posicionou perante a comunidade acerca do Registro:

[...] O lugar onde existe mais reisado é no Cariri, porque isso aqui é um centro de cultura importantíssimo por causa do Padre Cícero que atraiu essas populações para aqui e se interessava por cultura [...] Então isso é uma riqueza tremenda que entretanto não é reconhecida. Além de ser bonito, tem muito saber, muita arte, muita sabedoria [...] o reisado também é uma riqueza do Brasil, [...] vocês não são um palácio, mas há muita riqueza dentro de vocês. Essa cultura tem que ser reconhecida e uma das coisas que podemos fazer é que o governo reconheça, isso é uma cultura, é uma riqueza, isso tem que ser ajudado, preservado, que tem que ser cuidado para que o Brasil continue a possuir essa riqueza, para que o reisado seja cada vez uma riqueza maior do Brasil e que o Brasil se orgulhe de ter essa riqueza. (BARROSO apud CAIXETA, 2016, p.137-138)

Em 2009, a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará mobilizou-se de forma democrática, condição básica e fundamental para se pensar em valorização e preservação de um bem patrimonial, convidando os mestres e brincantes a participarem das reuniões que tratavam da “proposta de registrar o Quilombo como patrimônio cultural, com a implantação de uma universidade popular como plano de salvaguarda [...]” (CAIXETA, 2016, p.147).

Algumas medidas tomadas, como a organização do itinerário, que possibilitou intervenções com segurança, alimentação e saúde; a inserção de artesãos para a confecção do trono da rainha; e os diálogos mediados pelo poder público com a paróquia e a comunidade, a fim de minimizar a visão preconceituosa instalada de que os brincantes dos Quilombos eram bandidos e violentos, provocaram mudanças positivas na celebração de janeiro de 2010, na qual participaram:

25 reisados, nove bandas cabaçais, oito lapinhas, quatro grupos de maneiro pau, dois grupos de atiradores de bacamarte, dança do coco e cantores de Benditos, além de quatro grupos visitantes de Crato, com cortejos de manhã, à tarde e a brincadeira do trono entrando pela noite, sem registros de violência, com transporte e alimentação para os grupos. Nenhum mestre foi obrigado a excluir os entremeios e o cão circulou livremente na Largo da



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Matriz, não cometeu atos violentos ou antissociais, mostrando que o Quilombo é a festa do careta também. (CAIXETA, 2016, p.147-148)

Infelizmente, por questões políticas, depois do ano de 2010, a articulação para a continuidade do processo de Registro foi interrompida e a celebração do Quilombo foi perdendo seu território, ocorrendo com muitas dificuldades, sem apoio da gestão pública, indo para as ruas exclusivamente pela perseverança e trabalho dos detentores. Nesse período, os tiradores de quilombo atuaram também nas terreiradas³, realizadas no dia de reis contratados pelo SESC.

Não existem muitos registros sobre a celebração em si. O trabalho mais aprofundado acerca do tema é do pesquisador Felipe Caixeta, que constatou, do início do seu trabalho de pesquisa em 2004 até 2016, muitas perdas de mestres, devido a enfermidades ocasionadas pelo tempo e hábitos de vida, e de outros brincantes, por motivos diversos (como acidente, assassinato, etc.). Essas perdas resultam no desaparecimento de memórias tão caras para a cultura cearense, que nos situam na história e no tempo, inclusive como um recurso para mantermos o senso de autocrítica quanto ao papel do poder público nas ações provedoras do desenvolvimento da nossa sociedade, visto que elas agem diretamente sobre essas comunidades, como é o caso do edital proposto pela Secretaria de Cultura de Juazeiro da edição 2017, que impunha como condição da participação dos grupos tradicionais a tutela de uma organização da sociedade civil para dar apoio a realização do projeto Ciclo de Reis. Segundo Caixeta, que acompanha a celebração há 14 anos, o edital aqui referido, ao mesmo tempo em que dá apoio, enquadra a manifestação de tal forma que podem ser danosos, influenciando para a mudança do sentido da festa.

As questões que envolvem as políticas dos editais voltados para a cultura popular tradicional carecem de muitas discussões. Como trata-se de um dispositivo que visa a garantia de direitos culturais para esses grupos, o mesmo deve ser elaborado pensando nas particularidades que os constituem, com um processo burocrático mais simples compatível com o universo deles. Percebe-se uma

³ Brincadeira dos reisados limitada a espaços que não proporcionam o cortejo.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

discrepância entre as exigências dos editais com o que habitualmente eles dominam da linguagem administrativa.

No caso do Quilombo, além das questões do certame fiscal, foi estabelecido pela Secretaria de Cultura de Juazeiro do Norte no edital 0001/2017 *Projeto Ciclo de Reis*, um maior número de apresentações no formato de terreirada para os grupos de reisado como expressa o artigo 1.4.1

Os grupos de reisado receberão, individualmente, uma subvenção no valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais) para cachê e, também, R\$ 2.000,00 (dois mil reais) para a realização dos 17 (dezesete) Encontros de Reisados nos Terreiros dos Mestres, 3 (três) dias de Quilombos e 1 (uma) Entronização da Rainha; (EDITAL 0001/2017)

essa imposição enfraquece a prática que incorpora o “sentido de mundo” deles que é o cortejo na rua. Essas condutas estão desalinhadas com a constituição, quando esta propõe a proteção, valorização e o pleno exercício dos direitos culturais, fugindo também das atribuições dadas pelo Plano Nacional de Cultura (PNC) instituído pela lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010, que apresenta seu entendimento de valor e conceito, nas suas diretrizes:

4| A sociedade brasileira gera e dinamiza sua cultura, a despeito da omissão ou interferência autoritária do Estado e da lógica específica do mercado – Não cabe aos governos ou às empresas conduzir a produção da cultura, seja ela erudita ou popular, impondo-lhe hierarquias e sistemas de valores. Para evitar que isso ocorra, o Estado deve permanentemente reconhecer e apoiar práticas, conhecimentos e tecnologias sociais, desenvolvidos em todo o País, promovendo o direito à emancipação, à autodeterminação e à liberdade de indivíduos e grupos. Cabe ao poder público estabelecer condições para que as populações que compõem a sociedade brasileira possam criar e se expressar livremente a partir de suas visões de mundo, modos de vida, suas línguas, expressões simbólicas e manifestações estéticas. O Estado deve garantir ainda o pleno acesso aos meios, acervos e manifestações simbólicas de outras populações que formam o repertório da humanidade.(PNC, p.31).

E põe como desafios relacionadas às manifestações culturais:

A implementação de programas de direitos autorais e a preservação e difusão das expressões populares devem procurar corrigir os processos que marginalizam os seus agentes e produtores, hoje afetados pelas implicações locais da globalização da indústria cultural e das novas tecnologias de informação e comunicação. Em vista desse panorama, as políticas de cultura



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

devem ser implementadas de forma adequada, de modo a preservar a dinâmica transformadora da cultura popular.

Ao mesmo tempo, é necessário que a intervenção do Estado impeça, sempre que possível, sua alienação ilegítima e transformação em matéria-prima da reprodução midiática de novas mercadorias. A gestão pública tem como um grande desafio reduzir os entraves burocráticos de seus mecanismos de fomento e incentivo, para facilitar seus usos e o diálogo com grupos informais que historicamente não se relacionam com o Estado. (PNC, p.39)

Retomando o percurso para a solicitação do Registro, em 2016, o pesquisador Felipe Caixeta realizou um encontro para apresentar seu trabalho de pesquisa de mestrado⁴ para os mestres e comunidade pesquisada. Essa ação instigou o desejo de retomar a luta através da patrimonialização do bem. As reuniões para finalizar o que já haviam começado há oito anos se deram a todo vapor, resultando no processo aqui referido, solicitando o registro do Quilombos do Dia de Reis em Juazeiro do Norte como Patrimônio Cultural do Estado do Ceará.

QUILOMBOS DO DIA DE REIS EM JUAZEIRO DO NORTE (QUILOMBO DE REIS)

O material de referência do estudo para este parecer é de autoria do vídeo jornalista Felipe Teixeira Bueno Caixeta, que apresenta de maneira consistente as questões sociais relevantes que permeiam o universo dos brincantes do Quilombo, robustecido pelos trabalhos excepcionais e o olhar antropológico e artístico de Oswald Barroso.

A celebração presentemente analisada agrega muitas manifestações, o desenvolvimento das atividades - ensaios para apresentações, reuniões e processo de transmissão - desses grupos ocorrem na casa do próprio mestre por não terem local mais adequado, esses momentos de encontro coletivo, proporcionam um aprendizado que vão além do aprender conviver, abrangem também a transmissão do bem cultural e a valorização da história e o respeito com os mais velhos,

⁴ Caixeta, Felipe Teixeira Bueno. Dia do Quilombo: cinema e cultura popular no Juazeiro do Padre Cícero / Felipe Teixeira Bueno Caixeta. Dissertação Programa de Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Departamento de Arte, 2016.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

detentores da memória. Está inserido nesse universo artístico costureiras e artesãos que confeccionam indumentárias e adereços para os grupos.

A diversidade e a fé são elementos muito particulares da nossa cultura e estão presentes em cada manifestação aqui apresentada: A diversidade se expressa nas características étnicas dos grupos que participam⁵, cuja distinção

não é tarefa fácil [...] tal o entrelaçamento existente entre eles. Isso porque, além do cruzamento entre traços culturais europeus, negro-africanos e ameríndios realizados no Brasil, há de se levar em conta a composição complexa de cada uma dessas culturas. (BARROSO, 1996, p. 42)

e a fé na presença e influência incontestável de Padre Cícero nesse contexto, onde, segundo estudiosos, o Padre acolhia e estimulava as pessoas que faziam morada em Juazeiro a praticarem suas culturas.

A prática humanista do Padre Cícero, [...] associados as condições ambientais propícias para a agricultura, a pecuária, as feiras e o comércio de Juazeiro motivaram o deslocamento de milhares de refugiados para resistir ao lado do sacerdote. Entre os adventícios chegaram beatos sobreviventes das casas de caridade do Padre Ibiapina, da guerra total de Canudos, remanescentes de quilombo, indígenas, camponeses, inventores, artífices, artesãos, artistas, mestres da cultura que trocaram com os mestres locais na música cabaçal, no cordel, artesanato e no reisado [...] (CAIXETA, 2016, p.116)

O sentimento de pertencimento e identidade que existe entre os tiradores de quilombo é resultado de uma relação afetiva com o território e toda memória referente à sua construção. Isso agrega ao próprio bem, além do valor histórico e artístico, o valor simbólico. Nesse sentido, a atribuição desse valor impõe a noção de referência cultural, o que torna o bem inseparável da protagonização dos “sujeitos dos diferentes contextos culturais que têm um papel não apenas de informantes como também de intérpretes de seu patrimônio cultural.” (LONDRES, 2001, p.112 grifo meu).

⁵ Participam da celebração grupos de reisado, guerreiro, bandas cabaçais, lapinhas, personagens.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Torna-se, então, imperioso conhecer os sujeitos deste certame, que representam uma comunidade construída sob o jugo do preconceito e da exploração, que teve como armas, a fé, a garra e a ajuda de um líder, que foi peça fundamental para garantir a sobrevivência dessas memórias. A figura de Padre Cícero, como guia, foi fundamental nesse processo de construção, pois além da articulação política e social, era um homem santo, um símbolo que agrega força, espiritualidade, tradição, cultura, liberdade e luta. O santo Padre soube aproveitar as condições e possibilidades que se apresentaram, considerando a origem aglutinadora de tempo e território, como um organismo vivo e dinâmico, agindo em busca de uma nova organização social para a reconstituição de uma vida digna e livre, em qualquer setor da sociedade. Ele está presente nas narrativas dos detentores e nos discursos dos pesquisadores como um pilar para a construção dessa comunidade brincante, como se fizesse parte do tempo presente de seus seguidores. Assim estabeleceu-se o território de Juazeiro do Norte, com pessoas excluídas da sociedade, que buscavam um lugar que lhes acolhesse de forma mais justa e humana.

Diante do cenário apresentado, é imprescindível captar o significado de quilombos e o sentido que ganha nessa região, que não se alicerçará em sua origem étnica africana, visto que

Nem só negros ou ex-escravos viviam em Palmares. Ainda que em pequeno número, havia entre eles índios, mamelucos, mulatos e brancos. Este fato sublinha o conteúdo essencialmente social do movimento palmarino. Desde o início, Palmares se constituiu em um asilo aberto a todos os perseguidos e deserdados da sociedade colonial. (FREITAS, D., 1976, p. 72 apud CAIXETA p. 40) porque o quilombola era um negro já aculturado, sabendo sobreviver na natureza brasileira, e, também, porque lhe seria impossível reconstituir as formas de vida da África. (RIBEIRO, 1995, p. 220)

É importante compreender como os brincantes e mestres absorvem esses símbolos e constroem suas próprias narrativas, baseadas em suas “memórias construídas de forma individual ou coletiva, vividos pessoalmente ou por tabela”, (POLLAK, 1992, p.5)

Para Sr. Francisco Nena:

[...] Quilombo é uma dança inventada pelos índios, Toré. Diz, toque o quilombo para mim? Não, diz toque o Toré, qualquer mestre de banda cabaçal sabe o que é. Tirar quilombo, eu acho que seja o tipo da dança, antigamente se chamava Toré, hoje Quilombo. Uma dança começada pelos índios e os reisados brincam ela. Por isso que só com zabumba e a caixa não dá certo, só com os dois pife, porque é dois passos, dois com esse um, mudou o pé, dois com esse outro. Quilombo é o toque, a dança, o jogo de espada e finalizando o reisado. (CAIXETA p. 90-91)

Mas para o mestre Zuza

O Quilombo é uma coisa bem feita. Se faz o sítio e o trono da rainha. Quando acaba, bota ela lá e se forma dois partidos, a metade branco a metade negro, que é desde o princípio do mundo. Desde o tempo em que o rei Gespácio tomou a rainha de Baltazar, daí se formaram os dois partidos. O partido a favor de Jesus é o dos negrinhos e o dos brancos é o partido do Rei Heródes. Aí foram e roubaram a rainha, filha do rei de Congo, que é um rei pretinho. Formou-se então uma grande luta, uma tormentosa guerrilha, com a companhia do Rei de Congo contra o partido de Herodes (ZUZA apud CAIXETA p. 74-75)

Em Juazeiro, o Quilombo é uma celebração em forma de cortejo (desfile nas ruas) realizado, impreterivelmente, nos dias 25 de dezembro e dias 01 e 06 de janeiro, na qual se juntam vários grupos culturais da cidade, como os reisados, que são o sustentáculo do evento, apreciado pelo antropólogo e pesquisador Oswald Barrosos como “[...] um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve, em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses, incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi.” (BARROSO, 2013, p.21), os vários entremeios (o boi, a burrinha, o Jaraguá, etc.), os guerreiros, o personagem cão, o maneiro pau, o coco, dentre outros que participam do cortejo a caminho das lapinhas⁶ que aguardam os reisados em residências ou nas igrejas, onde param pra fazer o ritual da queima das lapinhas.

Segundo (BARROSO, 1996), “no Cariri, o folguedo dos Quilombos (ou Quilombada) é como se fosse [...] uma apresentação especial do Reisado. [...]”. A

⁶ Grupos de crianças que cantam a história de Cristo

celebração comemorada pela comunidade de Juazeiro do Norte é considerada uma prática cultural importante da cidade, sempre preservada pelos seus mestres e brincantes numa constante luta.

[...] A brincadeira está se acabando porque ninguém tem, digo por mim, eu sou um caminhoneiro, o dinheiro do caminhão só dá para o milho, não dá para calçar 10, 15 rapaz, moça. Só cantar, pisar, ensaiar, sem fardar, sem um café? Por isso que a brincadeira está morrendo, porque eu acho que do jeito que eu não estou sem condições, os meus amigos é do mesmo jeito⁷ (CAIXETA, 2016)

Atualmente, o entremeio conhecido como cão tem sido apropriado de forma inadequada apresentado grandes desajustes na manifestação, pois devido ao uso de máscaras não é possível controlar a participação de pessoas que entram no cortejo e acabam desvirtuando o sentido da brincadeira e fortalecendo o sentimento de medo entre os brincantes e a comunidade. O personagem cão, que antes buscava promover alegria através dos sustos nas pessoas, hoje está sendo relacionado com a violência que vem se inserindo da festividade configurando uma possível mudança no sentido da celebração.

A descrição detalhada da celebração, feita por Felipe Bueno Caixeta sobre o dia 6, demonstra a riqueza do enredo e a complexidade desse patrimônio.

pela manhã do dia 06, 'Dia de Rei', já encontrava-se armada em um canto da praça a barraca dos "Quilombos", via-se em torno da barraca uma espécie de sítio, simulado com mamoeiros, grandes touceiras de bananeiras, alguns pés de cana e outras fruteiras arranjadas nos brejos altas horas da noite, tal qual se fazia para as Quintas de Judas na Semana Santa. Aquilo representava o Palácio do Rei e seus domínios. Do outro lado da praça ficava uma outra barraca, acampamento dos "índios" comandados por um "oficial" em trajes militares e outro representando o "Embaixador", ambos usando espadas. Os índios comandados pelo oficial formavam a tropa inimiga dos negros "Quilombos", e usavam vestes características indígenas, tangas e cocares feitos de penas, tendo como armas o arco e a flecha; o corpo era pintado à tinta vermelha da semente de urucum. Logo pela manhã, quilombolas organizados tendo a frente o Rei, a Rainha, o Príncipe e o Secretário, além de dois Mateus e duas Catirinas, acompanhados por uma "banda cabaçal", percorriam as ruas cantando e dançando uma marcha guerreira de ritmo cadenciado, executando na dança um interessante cruzamento de passos. Os dois grupos percorriam as ruas procurando evitar o encontro, que só devia ocorrer na praça por ocasião do ataque à corte do

⁷ José Antônio dos Santos (Mestre Mosquito), em testemunho registrado em vídeo em 26 de junho de 2008 em Juazeiro do Norte à pesquisa de Felipe Caixeta



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

Rei Negro. Quando chegavam no Quadro Grande, os grupos se recolhiam nos seus domínios e começavam os festejos ao som da banda cabaçal. Por volta das duas horas efetuava-se o primeiro assalto ao palácio do Rei Negro, depois das embaixadas, o Príncipe Negro e o Secretário enfrentavam o General e o Embaixador, as espadas cruzavam-se simulando uma luta real. Na terceira investida, a defesa quilombola ia se enfraquecendo e os índios invadiam os domínios destruindo tudo, os vitoriosos organizavam os vencidos em colunas e acompanhados pelas duas bandas cabaçais iniciavam um cortejo pelas ruas, fazendo a venda simulada dos cativos para colherem moedas como gratificação pelas representações. (CAIXETA, 2016)

O REGISTRO DE BENS CULTURAIS

Promover uma política reparadora com essas comunidades é uma prática orientada na Constituição de 1988, como podemos constatar nos artigos 215, 216 e 231.

Art. 215 – o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais [...]

&1º o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras [...]

Art. 216 - &5º - ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos

Art. 231 – são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições⁸ [...]

Como já foi reiterado diversas vezes, o Quilombo é um legado dessas comunidades. Não podemos precisar o quanto de cada, mas realmente não é isso que importa. O sentimento de pertencimento dessas comunidades, a presença e ensinamentos de Padre Cícero, a ligação dos Reisados com a história de Cristo são elementos que Pollak consideraria

[...] marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. [...] É como se [...] o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa ou do grupo, muito embora outros tantos

⁸ CONSTITUIÇÃO, acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (POLLAK, 1992, p.2)

Foi exatamente pensando nessas narrativas carregadas de valor simbólico e identidade, porém passíveis de flutuações no decorrer do tempo, que o Registro foi criado. Como uma ferramenta democrática e flexível, capaz de resguardar o que o tempo não guardou, de minimizar a memória de violência social a qual esses grupos foram submetidos.

Atualmente, fala-se de patrimônio de forma integrada. Não se pode pensar em patrimônio separando dele seu criador, o homem, e tudo que é inerente à sua existência. É ele quem constrói a memória histórica, afetiva e estética. É quem conduz a ética da narrativa e continuidade do que é essencial. Nessa perspectiva ampla, o Registro atua deslocando o poder de valoração desse bem para quem é de direito; os próprios praticantes e dando voz aos silenciados. Compreendendo que

arte e a cultura só podem florescer se as pessoas tiverem o mínimo para sua sobrevivência. Milhares de pessoas passam fome, não têm onde dormir, não tem como tratar do seus males, é muito difícil que a inspiração floresça, é como o passarinho dentro da gaiola, por mais bonito que seja o canto dele, é bem possível que pousado em uma árvore, o canto vai ser mais belo. O que a gente sente e eu sinto na minha própria boca é que todo o mel que vivemos na nossa cultura é travoso, ele tem um travo de amargura, porque por mais que a pessoa esteja brincando, folgando, no seu consciente, existe a consciência das suas mazelas, que o que está acontecendo não é perene, é apenas um momento, depois tudo volta ao normal, alguns voltam para suas casas, outros, casas não têm [...]Falta muito para que o reisado seja celebração, seja um momento de fé e alegria, falta muito [...] (GOMIDE apud CAIXETA, 2016)

RECOMENDAÇÕES

O discurso oficial das instituições públicas acerca da preservação destaca a importância da manutenção da memória viva nos mestres, trazendo para o debate os conflitos do presente e especialmente a participação e desejo dos detentores. A insuficiência das políticas públicas, a precariedade material dos praticantes, a



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

presença dos mascarados, e a problemática da violência mostram a necessidade de ações urgentes voltadas para a preservação dessa tradição, levando em conta a trajetória, a organização e as dificuldades apontadas pelos grupos, mestres e brincantes, como se pode observar nos relatos das reuniões ocorridas em prol do Registro.

Assim, recomenda-se:

- 1) A mobilização da comunidade envolvida na celebração para retomar e concluir o procedimento legal de Registro de Bem Cultural no âmbito estadual;
- 2) A elaboração de um dossiê técnico sobre a celebração, destacando os seus agentes, rituais, práticas, formas de expressão, lugares e demais aspectos culturalmente relevantes, contemplando também os significados atribuídos por seus detentores;
- 3) Envolvimento da comunidade de detentores na constituição do plano de salvaguarda e agilidade nos procedimentos, visto a fragilidade do bem diante da violência e da sujeição política.

Este é o parecer, salvo melhor juízo.

Fortaleza, 01 de outubro de 2018.

Lenice de Sousa Leite
Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Cultural

Carlos Vinicius Frota de Albuquerque
Mestre em Sociologia - UFC

Alênio Carlos Noronha Alencar
Coordenador de Patrimônio Histórico e Cultural

REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. *Teatro como Encantamento: bois e reisados de caretas*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

BARROSO, Oswald. *Reis de Congo: teatro popular tradicional*. Fortaleza: Ministério da Cultura/Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais/Museu da Imagem e do Som, 1996.

CAIXETA, Felipe Teixeira Bueno. *Dia do Quilombo: cinema e cultura popular no juazeiro do Padre Cícero / Felipe Teixeira Bueno Caixeta*. Dissertação Programa de Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Departamento de Arte, 2016.

CONSTITUIÇÃO, disponível em
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 01 out.2018.

LONDRES, Cecília Fonseca. Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio. in: *Políticas Sociais - acompanhamento e análise*. nº 2, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro, a formação e o sentido de Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.